

A INTERNACIONALIZAÇÃO DO CURRÍCULO E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE FREIRE: DESCENDO A TORRE DE BABEL

Margarete Belli*

Christiane Heemann**

Lucia Loreto Lacerda***

Márcia Grazziotin****

José Marcelo Freitas de Luna*****

Resumo: As demandas contemporâneas, como a internacionalização e o ensino e a aprendizagem em contextos multiculturais, para serem bem tratadas, exigem o uso de aparato teórico-metodológico de intersecções e cruzamentos de perspectivas. O objetivo deste estudo foi conhecer possíveis intersecções entre a internacionalização do currículo e Pedagogia da Autonomia de Freire. O estudo aponta o currículo como elemento que congrega as perspectivas comuns. Assim, das intersecções por meio do currículo emergiram duas dimensões primordiais na formação dos/as alunos/as: o sujeito ético e autônomo.

Palavras-chave: Currículo. Internacionalização do currículo. Pedagogia da Autonomia.

INTRODUÇÃO

Parece haver um consenso na afirmação de que o conhecimento nem sempre se assenta sobre trilhas disciplinares. Também, há consenso no fato de que a formação acadêmico-científica insiste na subdivisão do conhecimento em áreas com fronteiras supostamente conhecidas e estabilizadas como a educação, a linguística, a sociologia, entre outras. No entanto, ao

* Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC, Brasil. E-mail: mbelli@univali.br

** Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC, Brasil. E-mail: chrisheemann@gmail.com

*** Instituto Federal Catarinense (IFC), Araquari, SC, Brasil. E-mail: lucia.lacerda@ifc.edu.br

**** Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC, Brasil. E-mail: marciagraz@gmail.com

***** Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC, Brasil. E-mail: mluna@univali.br

assumirmos como problema científico as demandas contemporâneas, como o ensino e a aprendizagem em contextos multiculturais, por exemplo, constatamos que, para bem tratá-las, precisamos de aparato teórico-metodológico de intersecções e cruzamentos de perspectivas. A propósito, Morin (2002, p. 13) afirma:

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

A internacionalização do currículo (IoC) e o livro de Paulo Freire denominado *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2015) se inserem no espaço educacional, e os pontos de convergência dessas duas instâncias não param por aí. A começar pela terminologia utilizada para dar título às perspectivas apresentadas em ambas: currículo e pedagogia. Discussões fundantes no palco da educação passam pela premissa de que atores e atrizes envolvidos, espera-se, sejam cativos da prerrogativa do não preconceito, da capacidade de perceber o outro e respeitar os demais e a si mesmo, chegando ao denominador comum, centro de ambas as perspectivas: o sujeito enquanto um ser humano no seu sentido integral.

A metáfora com a Torre de Babel se apresenta primordialmente em função de dois aspectos: o (não) entendimento entre as pessoas que construíam a torre, falando línguas diferentes e assim não se entendendo; e pelo fato de a torre estar supostamente localizada na capital do Império Babilônico, à época um importante centro cultural e econômico do mundo antigo, para onde confluíam imigrantes de todas as partes do globo, configurando-se, assim, num ambiente multicultural. Parece-nos um retrato bem atualizado do mundo em que vivemos, e o fato, aludido no título, de se descer a torre, remete ao início da sua construção quando, de acordo com a mitologia, existia somente uma língua que era utilizada para a comunicação. Esse fato alimenta um desejo não de termos todos/as uma língua em comum, o que seria impossível, mas de sermos sujeitos autônomos na conformação de nosso ser, respeitando-nos e convivendo pacificamente em função do bem comum.

As concepções de Paulo Freire (2015) na *Pedagogia da Autonomia* (PA), bem como aquelas da IoC, da forma como a entendemos e defendemos no Grupo de Pesquisa Estudos Linguísticos e Internacionalização do Currículo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), nos parecem ser formas de, senão materializar o desejo de convivência pacífica, pelo menos fornecer um caminho em sua direção. Isso porque tratam de educação. De acordo com Freire (2015, p. 92), por um lado, baseia-se a educação na relação não só entre professor/a e aluno/a, ou entre educador e educando, para usar os termos escolhidos pelo autor, mas também nas relações entre autoridade e liberdades (entre pais, mães, filhos e filhas), que têm como ponto essencial “a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia”. É também a educação que busca, nos termos da IoC, o desenvolvimento de cidadãos globais por um processo “de desierarquização dos saberes, pautado no reconhecimento e aproveitamento do Outro” (LUNA, 2016, p. 39).

A referência ao que da PA e da IoC converge para a educação motivou-nos a tratar objetivamente das possíveis intersecções entre as áreas. Assim, são objetivos específicos deste artigo: 1. demarcar o campo teórico da IoC; 2. apontar as

concepções da PA; e 3. relatar as intersecções percebidas entre IoC e PA a partir das noções de Freire quanto à autonomia e à ética.

Para tanto, este artigo está dividido em quatro seções, a começar por esta introdução, seguida da seção que trata da contextualização da PA de Paulo Freire e da IoC sob a perspectiva da educação intercultural. A seção seguinte apresenta as possíveis intersecções entre a IoC e a PA pelas concepções do sujeito autônomo e do sujeito ético por meio do currículo. Finalmente, na última seção, são apresentadas nossas considerações finais sobre o estudo.

AS ÁREAS POR SUAS DEMARCAÇÕES: INTERNACIONALIZAÇÃO DO CURRÍCULO E PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Antes de demarcarmos os pressupostos da IoC e da PA que deram ancoragem à análise realizada na busca pelas intersecções, convém pontuarmos duas questões que são pertinentes ao assunto em pauta: primeiramente, não ignoramos o papel central do professor nem o dos alunos na trajetória do currículo, todavia, nosso olhar está voltado, neste estudo, para o currículo, preparado e vivenciado por esses atores e atrizes e sem os quais não teria razão de existir; em segundo lugar, salientamos que nos utilizamos das concepções de Freire acerca da educação para a educação superior visto que, no nosso entendimento, todos os estágios da educação, a começar pela pré-escola, têm como objetivo a formação do sujeito. Assim, quando nos referirmos à escola, englobamos a educação escolar em todos os seus níveis.

O ensino superior tem sido colocado numa direção irreversível a um ambiente mundial e internacionalizado (MARGINSON, 2003). Como tal, é exigido das instituições de ensino superior (IES) que adotem ações que, em nível institucional, setorial ou nacional, integrem a dimensão intercultural, internacional ou global no propósito, nas funções ou na prestação de seus serviços educacionais (KNIGHT, 2011).

A materialização da internacionalização das IES se dá pela internacionalização de seus currículos, cujos elementos reconhecíveis da IoC, segundo Clifford (2013), são: perspectivas globais, comunicação intercultural e cidadania socialmente responsável. Quem também define IoC é Leask (2009, p. 209), como

[...] a incorporação de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais no conteúdo do currículo, bem como os resultados de aprendizagem, atividades de avaliação, métodos de ensino e serviços de suporte de um programa ou estudo.

Com relação aos elementos que compõem um currículo internacionalizado, enfatizamos o papel determinante do professor na IoC. A ênfase dada a esses componentes refletirá sobre como a instituição, a disciplina e o corpo docente conceituam internacionalização (CLIFFORD, 2013, p. 2).

Dentre os elementos elencados por Altbach e Knight (2007) que favorecem a tendência à internacionalização, destaca-se a internacionalização do currículo por possibilitar aos alunos fazerem a escolha de um curso por uma questão de interesse e não ditada pelas possibilidades locais. Um dos grandes desafios para a educação, para os educadores e para a administração das IES consiste em definir como a comunidade acadêmica (alunos, professores, gestores) pode

aprender a dinâmica da comunicação intercultural, desenvolver uma consciência global, aprender a cultura de outros países, atuar em ambientes multiculturais e transformar-se em pessoas internacionais, preparadas para os desafios do futuro (STALLIVIERI, 2017).

Na prática, a internacionalização de uma IES não se dá apenas por meio da mobilidade acadêmica internacional de estudantes e professores, mas também pela chamada internacionalização doméstica, que promove o desenvolvimento de competências interculturais e internacionais de alunos/as sem que eles/as precisem deixar sua própria cidade, com fins educacionais (CROWTHER et al., 2001). Também significa um currículo que enfatiza os aspectos interculturais no processo de ensino e aprendizagem (BEELEN, 2011), ou que combina alianças com grupos locais culturais e éticos em planos de ensino e programas, bem como nas atividades de pesquisa acadêmica (KNIGHT, 2008). A partir da sua definição como um processo de incorporação de perspectivas interculturais no currículo, como base para o questionamento da homogeneização do conhecimento, a IoC identifica-se com os princípios da educação intercultural, notadamente aquele do diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais. Reiteramos, conseqüentemente, que a IoC pela educação intercultural é uma alternativa de construção educacional, que exhibe intersecções com a PA.

As noções de autonomia, bem como os saberes para a prática educativa têm como base o livro de Paulo Freire (2015), intitulado *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Nele, Freire (2015, p. 92), antes de se identificar como professor, se identifica como pessoa: “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente”, deixando clara sua posição como educador, visando o aluno enquanto ser, não somente como aluno.

O processo de formação é permanente e perpassa o entendimento de que o sujeito é autor da própria formação e não o objeto a ser formado. E aquele que forma também se forma ao formar outro sujeito. “Embora diferentes entre si, quem forma se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2015, p. 25).

A reflexão sobre os saberes fundamentais à prática educativa crítica compromete-se com a formação de um sujeito autônomo, crítico diante da própria realidade e fundante do próprio processo de formação. Nesse movimento, Freire ressalta a importância do desenvolvimento da “curiosidade epistemológica”, essencial para o real conhecimento sobre o objeto.

Sob uma postura crítica, mas amorosa, sobre a prática educativa, Freire sinaliza aspectos essenciais a essa prática que se diz comprometida com a formação de um sujeito crítico e ético. Não é possível pensar os sujeitos fora da ética nem do contexto social e histórico no qual estão inseridos. Portanto, o processo educativo não pode estar alheio a isso, para não “amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 2015, p. 35). Além disso, ressalta-se a importância da aproximação da teoria com a prática, de tal modo que ambas quase se confundem uma com a outra.

A assunção da identidade cultural é um ponto bem marcado na obra de Freire. O autor pontua a importância da assunção dos sujeitos, num movimento de valorizar sua individualidade, seus aspectos culturais e históricos, sua autonomia diante do outro, que não deve ser desconsiderada como prática educativa. A assunção dos sujeitos deve perpassar o propósito da educação.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu (FREIRE, 2015, p. 42).

A identidade cultural é uma questão que deve ser valorizada no contexto da formação docente e é essencial à prática educativa progressista. Importante também salientar a pedagogia crítica de Freire – “termo este associado a estratégias de ensino sensíveis aos efeitos das relações de poder baseadas na raça, na classe, no gênero, na etnia, etc., sobre a aprendizagem e a formação da consciência” (MORROW; TORRES, 1998, p. 124).

Assim, um currículo que tem como objetivo a formação do sujeito ético e autônomo é aquele que prevê, também na sua prática, o desenvolvimento da consciência de seus educandos. Consciência sobre a inconclusão do ser humano, conforme postula Freire, mas também sobre si mesmo e o Outro. É pelo currículo que a formação e a manutenção de uma consciência favorável à diversidade e ao respeito a si mesmo e ao Outro se dão. E é para tratar dessa intersecção em si que a próxima seção se apresenta.

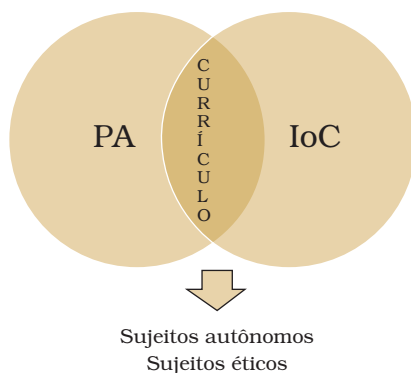
O CURRÍCULO COMO INTERSECÇÃO: O SUJEITO AUTÔNOMO E ÉTICO

A formalização das ações educacionais de uma instituição de ensino se dá no seu currículo, que é, de acordo com Silva (2011, p. 150), o documento de identidade da escola. Além disso, o currículo também é “lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso”. É, ainda, o currículo que guia as ações dos/as docentes para a materialização de seu planejamento e prática.

Nesse sentido, entendemos que é o currículo que vai congrega as perspectivas comuns da IoC e da PA, promovendo uma intersecção, uma vez que ambas têm o currículo como palco de sua essência, como seu território de ação. Freire (2015) refere-se a currículo não utilizando propriamente esse termo. Contudo, desvela o currículo ao trazer como temática central de seu livro uma reflexão sobre a prática docente para a formação do ser dos alunos e das alunas. Prática docente que se vê documentada e exercida no percurso do currículo.

O foco do processo de internacionalização das IES tem como ponto de partida e elemento propulsor o currículo (LUNA, 2016); é nele que se reconhecem as marcas de internacionalização e se localizam as perspectivas globais, a comunicação intercultural e cidadania socialmente responsável (CLIFFORD, 2013), que se pretende que os/as alunos/as vivenciem e desenvolvam.

Assim, emergiram do exercício da intersecção entre a IoC e a PA, por meio do currículo, duas dimensões primordiais na formação dos/as alunos/as: o sujeito ético e o sujeito autônomo (Figura 1).

Figura 1 – Intersecção entre a IoC e a PA

Fonte: Elaborada pelos autores.

Freire (2015, p. 15) vê o aluno como um sujeito social e histórico que traz para o âmbito escolar o seu conhecimento, enfatizando que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando nas suas destrezas” e que a postura ética deve ser buscada sempre, “a ética universal do ser humano” (FREIRE, 2015, p. 16). Na visão da IoC, é pelo currículo que a ética deve ser trabalhada em sala de aula na busca pela formação de cidadãos globais que sejam sujeitos éticos, socialmente responsáveis e civicamente engajados (SCOTT, 2000) e não apenas ter a visão do currículo como uma lista de tópicos a serem estudados (LEASK, 2015).

É preciso haver uma familiaridade entre os saberes curriculares e as experiências sociais dos/as alunos/as, uma vez que ensinar não é transferir e transmitir conhecimento, mas, sim, criar possibilidades para construção de conhecimentos; ou seja, o currículo deve também formar o sujeito cidadão ético.

Freire postula que o sujeito deva ser ensinado a pensar certo, que se estamos neste mundo é para conhecê-lo e aprendermos sobre ele. No entanto, precisamos ter caráter e responsabilidade para enfrentar desafios e tentações, mantendo a nossa integridade, nossos valores, respeitando a natureza do ser humano, demonstrando verdade e não artificialidade. Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo; é necessário pensar certo e fazer certo, ou seja, deve-se ensinar aquilo que se espera que o sujeito (aluno/aluna) faça. A esse respeito, o currículo precisa transparecer que não há distância entre o que é dito e o que é feito.

Freire (2015) reivindica o aprendizado da autonomia nas relações interpessoais, na reinvenção do ser humano. Oferece na PA uma “reflexão sobre a prática educativo-progressiva em favor da autonomia do ser do educando” (FREIRE, 2015, p. 15). Refere-se, também, à construção da autonomia no respeito à construção da autonomia dos outros.

Em seu artigo “Exploring Internationalization of the Curriculum through the lens of global citizenship”, Clifford (2016, p. 15, tradução nossa), por sua vez, define cidadão global como pessoas

[...] que estão envolvidas em questões globais, no nível local, nacional ou internacional, e entendem que o mundo é interdependente, que cada ação que adotamos, cada decisão que tomamos, afeta outras pessoas.

Pontua, ainda, que para ser um cidadão global é preciso ter conhecimento de quem somos, com uma competência intercultural e um sentimento de responsabilidade social, além de ter nosso próprio guia moral, não bastando ser um cidadão cosmopolita, que é aquele que tem conhecimento do mundo e habilidades interculturais, sem se envolver nas questões globais de poder, exclusão e opressão. Esse conhecimento de nós mesmos reverbera em Freire (2015, p. 20) quando ele se refere à presença humana no mundo: “mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros”. É no respeito não só às diferenças culturais e linguísticas do outro que me identifico como um ser integral, autônomo, mas no reconhecimento e respeito à autonomia do outro. Um currículo que de fato prepara o ser, além das capacidades técnicas, para ser cidadão do mundo, prevê assim, tanto na concepção de Freire quanto de Clifford, um sujeito autônomo.

O sujeito ético e autônomo, salientado por Freire e pela IoC, também é o sujeito que se deseja formar pela educação intercultural, pois essa

[...] apresenta-se como um processo que questiona a homogeneização e a ocidentalização em suas conseqüentes manutenções e reforços de privilégios de grupos e línguas dominantes. Expressamente, está para ser usada como um estímulo para criticar e desestabilizar os paradigmas dominantes. Com esta caracterização, a IoC identifica-se plenamente com os princípios, costumeiramente apresentados como os desafios da educação intercultural (LUNA, 2016, p. 38).

Almejar a sensibilidade cultural, proporcionada pela educação intercultural, é exercer a ética pela não aceitação da discriminação, seja ela de raça, de classe, seja de gênero; é aceitar o outro, o diferente; abraçar a cultura que diverge da minha. É necessário que haja bom senso e humildade para aceitar, tanto a nós mesmos quanto os demais com suas características próprias. Nos termos de Freire, quanto mais assumimos o que somos e como somos, mais nos tornamos adeptos de mudanças e capazes de mudar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos este estudo, retomamos a metáfora que lhe dá título, com a certeza de que, ao se tratar da educação escolar, é o currículo que serve de mapa, de guia para a descida da Torre de Babel. O currículo de que tratamos na forma de intersecção entre IoC e PA tem o objetivo de formar o sujeito ético e autônomo, para que, em função do bem comum, nossos alunos e nossas alunas sejam formados/as como seres éticos e autônomos, no respeito a si mesmos/as e aos outros/as, num ambiente local, nacional e global.

Concluimos, também, ao questionar a linearização tão bem demarcada pelo pensamento positivista, e fazer o exercício da intersecção entre essas duas instâncias da forma como fizemos, que fidelizamos com o objetivo da IoC, que é de desestabilizar os paradigmas, a partir de uma postura investigativa que emerge do inconformismo com saberes universalizantes e práticas monoculturais excludentes.

Além disso, nos sentimos, não somente enquanto pesquisadores/as e professores/as, mas também como seres em formação, capazes de praticar o diálogo entre conhecimentos a fim de reassumir um papel diferenciador no tocante à formação e à construção dos saberes pertinentes à IoC.

THE INTERNATIONALIZATION OF THE CURRICULUM AND FREIRE'S PEDAGOGY OF AUTONOMY: GOING DOWN THE TOWER OF BABEL

Abstract: Contemporary demands, such as internationalization and teaching and learning in multicultural contexts, to be well treated, require the use of a theoretical-methodological apparatus of intersections and cross-perspectives. The objective of this study was to identify possible intersections between Internationalization of the Curriculum and Freire's Pedagogy of Autonomy. The study points to the curriculum as an element that brings together common perspectives. Thus, from the intersections through the curriculum emerged two primary dimensions in the formation of students: the ethical and the autonomous subject.

Keywords: Curriculum. Internationalization of the curriculum. Pedagogy of Autonomy.

REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P.; KNIGHT, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. *Journal of Studies in International Education*, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007.
- BEELEN, J. La internacionalización en casa en una perspectiva global: un estudio crítico del Informe del 3.er Estudio Global de la AIU. *Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)*, v. 8, n. 2, p. 85-100, 2011.
- CLIFFORD, V. The Elusive Concept of Internationalisation of the Curriculum. 2013. Disponível em: <<http://www.brookes.ac.uk/services/ci/definitions.html>>. Acesso em: 5 nov. 2017.
- CLIFFORD, V. Exploring Internationalization of the Curriculum through the lens of global citizenship. In: LUNA, J. M. F. (Org.). *Internacionalização do currículo: educação, interculturalidade, cidadania global*. Campinas: Pontes, 2016. p. 13-31.
- CROWTHER, P. et al. *Internationalisation at home: a position paper*. Amsterdam: EAIE, 2001.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- KNIGHT, J. Five Myths about Internationalization. *International Higher Education*, v. 62, p. 14-15, 2011.
- KNIGHT, J. *Higher Education in Turmoil: the changing world of Internationalization*. Rotterdam: Sense, 2008.
- LEASK, B. *Internationalizing the Curriculum*. New York: Routledge, 2015.
- LEASK, B. Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students. *Journal of Studies in International Education*, v. 13, n. 2, p. 205-221, 2009.
- LUNA, J. M. F. Internacionalização do Currículo e Educação Intercultural: aproximações à luz da sociologia das ausências e da sociologia das emergências. In: LUNA, J. M. F. *Internacionalização do currículo: educação, interculturalidade, cidadania global*. Campinas: Pontes, 2016.

MARGINSON, S. Markets in higher education: national and global competition. In: RADFORD LECTURE AT NZARE/AARE JOINT CONFERENCE. Auckland, New Zealand, 2003.

MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORROW, R. A.; TORRES, C. A. Jurgen Habermas, Paulo Freire e a Pedagogia crítica: novas orientações para a Educação Comparada. *Educação, Sociedade e Culturas*, Lisboa, n. 10, p. 123-155, 1998. Disponível em: <<https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC10/10-6-morrow.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

SCOTT, P. Massification, Internationalization and Globalization. In: SCOTT, P. (Ed.). *The globalization of Higher Education*. Buckingham: SRHE and Open University Press, 2000.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

STALLIVIERI, L. *Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas*. Curitiba: Appris, 2017.

Recebido em dezembro de 2017.

Aprovado em janeiro de 2018.